

Ary dos Santos: Poeta da Revolução, Poeta do Fado

アリ・ドス・サントス

—革命を代表する詩人、ファドを代表する作詞家

Mauro NEVES Jr.

本稿の目的は、ポルトガル現代詩人の代表的一人、ジョゼ・カルロス・アリ・ドス・サントス（1936—1984）の3編の詩を解説することにある。この3詩は、革命家としての詩人、無礼でおどけた詩人、庶民的な詩人のアリ・ドス・サントスの側面を反映している。アリ・ドス・サントスはポルトガルの同時代において最も豊かな才能を持つ詩人の一人であるが、国民の人気を獲得できたのは、ポルトガルに70年代に流行した様々な曲の作詞に負うところが大きい。作詞家として、ファドとポルトガルポップスを一新するに彼が与えた影響は大きい。

詩人と作詞家以外に、特にポルトガルレビューというジャンルの演劇脚本家としても活躍し、広告業界においても大いに活躍した。しかし、彼の名前がポルトガル詩パルテオンに残されたのは、詩人としてだけではなく実際、政治活動を行ったからでもある。

アリ・ドス・サントスはその無礼だが素早い表現法によって、理知的な詩、革命的な詩と庶民的な詩を調和させることを可能にした。それに伴って、彼は1974年の革命を代表する詩人であると同時に、ポルトガルの伝統的かつ庶民的な文化遺産であるファドの最も才能ある作詞家になることができた。

I. Introdução

Neste artigo pretendemos analisar três poemas de José Carlos Ary dos Santos (1936-1984), um dos poetas portugueses modernos de maior representatividade. Cada um desses poemas reflete uma das facetas do poeta: o seu lado revolucionário, o seu lado irreverente e jocoso, e o seu

lado popular.

O que faz de Ary dos Santos, como o poeta acabou por ser mais comumente conhecido, um dos mais atraentes poetas em língua portuguesa foi a forma como se entregou, ao mesmo tempo, a uma poesia profunda e por vezes de caráter francamente revolucionário-social, e a compôr letras para canções, muitas das quais acabaram por constituir o que de melhor se compôs em Portugal entre o período que vai de 1969 ao falecimento do poeta em 1984.

Ary dos Santos pode ser também considerado um dos mais talentosos poetas da sua geração em Portugal, uma geração que inclui outros grandes poetas da ordem de Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, Natália Correia, Manuel Alegre, entre outros, mas acabou por ser mais conhecido entre o grande público como autor de poemas para muitas das canções de sucesso em Portugal, sobretudo nos anos 70, contribuindo sobremaneira para a renovação da música popular portuguesa e, de certa forma, também do fado.

Suas atividades estenderam-se ainda ao teatro, sobretudo a revista portuguesa, e à publicidade, sendo que acabou por ser esta última a sua forma principal de subsistência e uma área onde também demonstrou enorme capacidade, contribuindo para a renovação dos métodos publicitários em Portugal, aproximando-os por completo do que se fazia então no restante da Europa.

Mas, foi sobretudo por sua atividade política, tanto na prática como na poesia, que Ary dos Santos marcou sua presença no panteão poético português.

Com sua linguagem irreverente e ágil, Ary dos Santos conseguiu unir a poesia intelectual com a revolucionária e com a popular das canções, tornando-se a um só tempo o poeta por excelência da Revolução de Abril (1974) e da representação maior da cultura tradicional-popular portuguesa, o fado.

II. Ary dos Santos, uma vida polêmica

Membro de uma família da alta burguesia lisboeta, José Carlos Pereira Ary dos Santos nasceu a 7 de dezembro de 1936, embora por razões que se seguem desconhecidas tenha sempre seguido afirmando ter nascido na mesma data um ano mais tarde, portanto já em pleno vigor do Estado Novo, regime ditatorial instalado com a subida de Oliveira Salazar ao posto de Presidente do Conselho de Ministros – posição esta que manteria até 1968 – e quando o regime ditatorial militar acabara de completar dez anos em maio do mesmo ano.

Desde criança Ary dos Santos demonstrou uma enorme irreverência e jocosidade, como se pode apreciar na fotobiografia sobre o poeta realizada por Alberto Bemfeita¹, características estas que marcariam todo o seu trajeto profissional, tanto como poeta quanto como publicitário.

Em 1950 perdeu a mãe, perda esta que não só causou a Ary dos Santos um enorme desgosto, como contribuiu também para afastá-lo cada vez mais do pai, principalmente depois que este veio a casar-se novamente no final do ano seguinte. A falta de afeto materno refletiu-se também em inúmeros dos seus poemas, onde reclama a falta de amor materno em meio a expressões de profunda angústia.

Contudo, seria o pai que proporcionaria a Ary dos Santos a primeira oportunidade de ver-se publicado aos 15 anos com a antologia poética intitulada *Asas* (1952), onde no prefácio Ramiro Guedes de Campos o considerava um autêntico caso de precocidade poética, chegando mesmo a compará-lo com Guerra Junqueiro e Eugénio de Castro.

Esta é uma antologia, no entanto, que viria a ser desconsiderada por Ary dos Santos quando adulto e sequer seria incluída na antologia de sua obra que o próprio poeta organizou em 1983 sob o título de *Vinte*

1 Alberto Bemfeita, *Ary dos Santos: O Homem, o poeta, o publicitário: fotobiografia*, Lisboa, Caminho, 2003.

Anos de Poesia.

No ano seguinte desentendo-se por completo com o pai, sai de casa e para conseguir manter-se sozinho em Lisboa segue realizando os mais diversos trabalhos, entre esses a publicidade – que acabaria por se tornar na sua forma mais básica de sustento econômico – e segundo o poeta, a estiva. No entanto, o mais provável é que suas principais ocupações até conseguir um emprego mais estável tenham mesmo sido entregador na Sociedade Nacional de Fósforos, vendedor de máquinas para gomas de mascar e escriturário no Cassino do Estoril. Na verdade, o seu sustento deveu-se também em grande parte a alguma ajuda financeira recebida, quase sempre e informalmente, da avó paterna.

Em 1954 viria a ser reconhecido como poeta pela primeira vez quando alguns de seus poemas foram selecionados para a *Antologia do Prémio Almeida Garret*.

Em 1955 desvincularia-se definitivamente do pai ao ser por este emancipado aos dezoito anos e embora tivesse que ser incorporado ao serviço militar, tendo mesmo sido aprovado na inspeção médica para tanto, para escapar da prestação efetiva, atirou-se do primeiro andar de um prédio e ao quebrar um dos pés, acabou por ser dispensado de fazê-lo.

No ano seguinte perde o pai, fato que pouco ou nada afetaria o poeta.

Em 1958, Ary dos Santos, que aprendera quase que autodidaticamente inglês e francês e gozava de uma extraordinária criatividade e perspicácia, entrava definitivamente para o mundo publicitário passando a colaborar com a LPE MORRISON, transferindo-se dois anos mais tarde para a ZEIGER-Publicidade Internacional.

Em 1963 lança aquele que seria o seu primeiro livro da fase adulta, *A Liturgia do Sangue*, obra que segue ainda hoje considerada como uma das melhores que o poeta publicou.

No ano seguinte escreve o poema *Azul Existe*, que seria apresentado por três vezes sucessivas no teatro e na televisão, mas só seria

publicado na sua *Obra Poética* (1994), organizada por Francisco Melo. Ainda nesse ano publica *Tempo da Lenda das Amendoeiras*.

Em 1965 sai a público *Adereços, Endereços*, sua primeira obra onde se constata a tomada consciente de uma posição contrária ao regime salazarista. Neste mesmo ano Diogo, seu irmão onze anos mais novo e ao qual era profundamente ligado, suicida-se, o que abala profundamente o poeta. No entanto, o nascimento de seu sobrinho Bernardo, filho de sua irmã Rosarinho, veio dar-lhe algum alento. Apesar das desavenças com o pai, Ary dos Santos continuou sempre muito ligado às duas irmãs, Rosarinho e Maria Isabel. Ary dos Santos teria uma grande afeição por Bernardo, o qual viria no futuro a trabalhar com o tio em sua companhia de publicidade e seria um dos responsáveis pela preservação de sua obra e de sua memória após o falecimento do poeta.

Ainda em 1965 ao ser incluído na *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica (dos Cancioneiros Medievais à Actualidade)* elaborada pela poetisa Natália Correia, Ary dos Santos inicia sua profunda, mas conturbada, amizade com a poetisa.

No ano seguinte, Ary dos Santos deixa a ZEIGER para tornar-se num dos membros efetivos da SUÍÇO-PORTUGUÊS, agência publicitária onde criaria algumas das mais famosas campanhas publicitárias que já se fizeram em Portugal e acabaria por revolucionar a forma como se fazia publicidade no país.

Em 1967 seu poema “Desespero”, que fora incluído em *A Liturgia do Sangue*, viria a ser gravado, sob a música do fado “Esmeraldinha”, por José Manuel Osório, gravação esta que pode ser considerada o início da ligação entre o poeta e a música portuguesa, embora já viesse através de sua atividade publicitária realizando, sobretudo com o compositor Nuno Nazareth Fernandes, *jingles* promocionais.

Em 1968 a vida política portuguesa entra na chamada “Primavera Marcelista”, com a exoneração de Oliveira Salazar a 27 de setembro, após um problema de saúde que se iniciara em agosto deste ano e que

se agravara, e a instalação no posto de Presidente do Conselho de Ministros de Marcelo Caetano. Embora, de início tivesse havido algumas expectativas de mudanças, logo se verificou que pouco realmente iria mudar no regime, quer do ponto de vista político-econômico, quer do social. Seria esse sistema inócuo e vazio de ideologia, mas apegado sobremaneira à manutenção das colônias africanas, que seguiria até ser derrubado pela Revolução dos Cravos de 1974.

1969 foi um ano que marcou definitivamente a vida e a trajetória poética de Ary dos Santos. Foi neste ano que filiou-se ao Partido Comunista Português (PCP), tomando parte ativa nas campanhas da Comissão Democrática Eleitoral (CDE). Foi também neste ano que engajou-se definitivamente na prática de uma poesia revolucionária com a publicação de *Insofrimento in Sofrimento*. Foi ainda nesse ano que passou definitivamente a ser um poeta das canções com o poema para a canção “Desfolhada”, a qual, interpretada por Simone de Oliveira, ganharia o primeiro lugar no Festival RTP da Canção e iria concorrer no 14º Festival Eurovisão em Madri. Finalmente, foi nesse ano que Ary dos Santos deu início à sua atividade de gravar discos declamando seus poemas, revelando-se um declamador dos mais inflamados e dos melhores.

Faz-se necessário acrescentar que num país marcado então por conceitos extremamente conservadores e machistas, Ary dos Santos foi desde que atingiu a maioria um homossexual assumido e que durante toda a sua atividade política saiu em defesa dos direitos homossexuais numa sociedade que os hostilizava. Embora mesmo entre seus correligionários comunistas muitos o condenassem por isso, seguiu sempre o fazendo de forma aberta e assumida, procurando sempre mostrar que o ser homossexual não significava ser afeminado e que o podia fazer sempre com virilidade e ironia.

Em 1970 Ary dos Santos deixa a SUÍÇO-PORTUGUÊS e começa a trabalhar na ESPIRAL. Ainda nesse mesmo ano, já definitivamente

famoso em todo o país devido ao sucesso da “Desfolhada”, Ary dos Santos gravaria um novo disco recitando seus poemas e lançaria *Fotos-Grafiás*, livro que logo seria apreendido pela PIDE e só liberado após o 25 de abril de 1974.

Ao mesmo tempo em que se tornava popular junto ao grande público devido aos seus poemas para canções e que era por isso mesmo criticado por muitos dos outros poetas, incluindo sua amiga Natália Correia, e pelos puristas da poesia que a seguiam vendo como algo ligada ao meio intelectual e ao meio editorial-acadêmico, Ary dos Santos seguia com suas atividades vigorosas ligadas à defesa dos ideais do PCP, tornando-se presença constante em comícios, sessões de poesia e outras atividades culturais organizadas pelo partido, com destaque para os “Festivais do Avante!”.

Segundo suas próprias palavras²: “Ao contrário do que pensavam certos puritanos da pena e do papel, eu já nessa altura entendia que a popularidade, utilizada de uma maneira correcta, podia conduzir, nas condições que então existiam, a uma intervenção poética e política mais eficaz. Se a *Desfolhada* não tivesse ido para o ar, muito menos gente teria lido então poemas de combate como “S.A.R.L.”, “A Pesca” e “O Turismo”. Não me arrependo do meu passado, porque creio que a minha entrada nos festivais da RTP foi, ao tempo, uma pedrada no charco. ...”

Neste mesmo ano, mais uma canção com versos de Ary dos Santos, “Canção de Madrugar” concorria ao Festival RTP da Canção, mas alcançaria apenas o segundo lugar. No ano seguinte, no entanto, os versos de autoria de Ary dos Santos voltavam a obter o primeiro lugar no Festival RTP da Canção com “Menina”, interpretada por Tonicha, a qual iria concorrer em Dublin no 16º Festival Eurovisão.

No ano seguinte ocorria o reencontro inesperado entre os versos de Ary dos Santos e o fado com a gravação de “Meu amor meu amor” por

2 “O Poeta morreu – a voz continua” in: *Diário de Notícias: Suplemento de Domingo*, 22 de Janeiro de 1984, pp. 38-40.

ninguém menos que Amália Rodrigues sob música de Alain Oulman. Com esse fado, os versos de Ary dos Santos seriam consagrados na Itália com o Grande Prêmio da Canção Discográfica de 1971 e seria dado o início a uma colaboração e a uma amizade intensa que seguiriam praticamente até o falecimento do poeta.

Ainda em 1971 Ary dos Santos realizou várias gravações de poemas, colaborando com Carlos Paredes, Amália Rodrigues e Natália Correia, com a qual reativara a amizade, afetada pela polêmica criada em torno da crítica da poetisa à ligação do poeta ao mundo popular e vulgar das canções e ao seu distanciamento da poesia pura. Nesse mesmo ano lançaria com Maria Teresa Horta a antologia *Cancioneiro da Esperança*.

No ano seguinte organizaria sua nova obra, *Resumo*, na qual o próprio poeta reuniu alguns poemas de obras suas anteriores a alguns inéditos, entre os quais destacam-se a sua afirmação maior enquanto poeta: “Poeta Castrado, Não!”.

Em 1973, mais uma vez ganhou o Festival RTP da Canção com “Tourada”, uma das letras mais polêmicas entre as que ganharam o grande prêmio em toda a história do Festival. Na verdade, entre as concorrentes deste ano contavam-se quatro canções de autoria de Ary dos Santos.

É preciso abrir aqui um parêntesis na trajetória de Ary dos Santos para comentar-se que embora ele tivesse encontrado vários intérpretes para seus poemas, nenhum deles – nem mesmo Amália Rodrigues – foi tão importante para sua obra como poeta como o foi Carlos do Carmo. Entre as inúmeras colaborações entre os dois destaca-se, sobretudo, “Estrela da Tarde”, uma das mais belas composições de toda a música portuguesa.

Carlos do Carmo define assim Ary dos Santos³: “... insubstituível, não me refiro só ao aspecto afetivo, à amizade, refiro-me igualmente ao

3 Carlos do Carmo in: Alberto Bemfeita, *Op. cit.*, p. 81.

lado profissional. Tenho a convicção de que, num momento muito particular da nossa história (Abril de 74) – sendo um momento de libertação, tem cicatrizes ainda hoje difíceis de avaliar dada a sua proximidade, e que envolvem inúmeras contradições de sentimentos, ódios, paixões, encantos e desencantos – Zé Carlos fez com que a canção portuguesa simples, a canção do quotidiano, que poderão chamar de *ligeira*, nunca mais fosse a mesma desde que resolveu escrever para ela. ... Tenho vindo a constatar que algumas das pessoas que escrevem para canções, têm talento, mas estão muito aquém do que ele escrevia. ... Dizia que era poeta e nada percebia de música, mas de facto ele era um músico excelente, pela capacidade que tinha de entender a harmonia das palavras nas canções.” E ainda ⁴: “O Zé Carlos e o Fernando Tordo formavam uma dupla perfeita. ... Esses *casamentos* são raros, só acontecem a espaços. Por exemplo, no Brasil houve duplas assim: a do Vinícius de Moraes com o Tom Jobim ... O Zé Carlos tinha um outro dom importante. Na Lisboa dele, para além do figurino arquitectónico da cidade, estava sempre associado o elemento humano. As figuras de Lisboa, que ele sabia descrever espectacularmente, devia-se à sua grande capacidade de observação. Ele era o que nós vulgarmente chamamos de uma *esponja*. Absorvia tudo o que o cercava. ... Outra das suas facetas por que sempre tive enorme apreço era o lado frontal. A frontalidade com que assumia a sua homossexualidade: sem tabus nem esquemas. Assumida numa época muito difícil, de grandes transformações sociais na vida portuguesa. Foi uma atitude de coragem que o dignifica e que não é para qualquer homem.”

Voltando à sua trajetória, ainda em 1973, Ary dos Santos lançou sua gravação do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, naquela que constitui sem sombra de dúvida uma das melhores récitas poéticas que já se fez em língua portuguesa.

A 24 de março de 1974 tomava parte no 1º Encontro da Canção

4 *Idem, ibidem*, p. 82.

Portuguesa, evento conhecido também como *Canto Livre*, do qual participaram os grandes nomes da nova canção portuguesa, com destaque para Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, onde recitou o seu poema “Sigla”.

Um mês depois viria a revirada: o 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos, o tão esperado fim do regime ditatorial em Portugal, instalado em 1926.

Ary dos Santos descreveu assim a sua reação ao evento que mudaria por completo a sociedade e a política portuguesas: “Foi uma alvorada esplendorosa que, se bem que me entusiasmou e deslumbrasse, se tornou uma primeira percepção real da liberdade e uma razão forte para lutarmos por ela. Foi um pouco isso que pretendi pôr em *As Portas que Abril Abriu*. Se o consegui, o mérito não é meu. O mérito é de uma ideologia que nos sabe ensinar o que é a verdadeira militância intelectual e que nos comunica, com extremo mas benéfico rigor, que cada acto de criação individual deve, antes de mais, ser um acto de generosidade e de solidariedade humanas. ...”⁵

Depois da Revolução, Ary dos Santos entregou-se de corpo e alma a uma intensa atividade cultural ligada ao PCP, publicando em edição limitada de 1000 exemplares, contendo ainda o disco em que declama o poema, *As Portas que Abril Abriu* (1975) e gravando os discos *Poesia Política e Llanto para Alfonso Sastre* entre 1974 e 1975, entre participação em comícios, sessões de poesias e outras inúmeras atividades culturais.

É importante ressaltar que um excerto de *As Portas que Abril Abriu* foi inserido no Arco de São Bento, quando da sua transferência para a Praça de Espanha.

Em 1977 concorre e ganha novamente o Festival RTP da Canção com “Portugal no Coração”, que marcou o Festival e depois o Festival Eurovisão pela interpretação de vários nomes da nova canção

5 Ver nota 2.

portuguesa interpretando em conjunto sob o nome Grupo de Amigos.

Foi também depois da Revolução que Ary dos Santos intensificou a sua atividade enquanto dramaturgo, escrevendo inúmeras revistas e também algumas peças dramáticas.

Em 1978 volta a publicar uma antologia poética sob o título *O Sangue das Palavras*, livro que seria o seu último conjunto de originais poéticos publicado ainda em vida.

Fora suas atividades políticas e poéticas, seguia com a atividade publicitária, tendo sido mesmo o representante português nos Festivais do Filme Publicitário em Cannes por três anos seguidos: 1975, 1977 e 1978.

Em 1979 deixa juntamente com o amigo Marcenal de Andrade a ESPIRAL para ir trabalhar na agência que este fundara, a BOOM.

Seguiu nesse interim gravando discos de seus poemas: *Homenagem ao Povo do Chile*; *Ary 80*; *Ary por Ary*; *Portugal Ressuscitado*, e; *A Bandeira Comunista*.

Em 1983 publicou sua última obra em vida, a antologia *Vinte Anos de Poesia*.

Deixava por terminar um livro de poemas intitulado *As Palavras das Cantigas*, onde organizava seus poemas para canções e fados, dividindo-os pelos intérpretes. Esta obra viria a ser lançada postumamente em 1989, com prefácio da amiga Natália Correia e coordenação de Ruben de Carvalho.

Assim também fora lançado postumamente em 1984 os *VIII Sonetos de Ary dos Santos*, sua última coleção de inéditos, com um estudo de Manuel Gusmão sobre Ary dos Santos, organizada por Rogério Ribeiro para a Sociedade Portuguesa de Autores, da qual fora membro.

Ary dos Santos veio a falecer na sua querida Lisboa depois de uma longa doença a 18 de janeiro de 1984, sem ver a comemoração dos primeiros dez anos da Revolução que tanto prezava e que tanto ajudara a concretizar com suas atividades políticas, com suas palavras.

III. Três poemas

É muito difícil selecionar três poemas entre todos os que Ary dos Santos nos legou. Não só porque seja sempre difícil e doloroso fazer-se uma seleção poética, mas principalmente porque no caso de Ary dos Santos praticamente tudo que nos legou é de enorme valor tanto literário como, em muitos casos, histórico para compreender-se a evolução do espírito revolucionário em Portugal.

Sendo assim, optamos por restringir-nos neste artigo a analisar três poemas que pudessem ser considerados como retrato fiel das suas três facetas enquanto poeta: o poeta irônico dos retratos sociais portugueses, o poeta sentimental e popular das canções, o poeta revolucionário por excelência.

No que se refere ao poeta irônico-social, optamos por escolher para análise aqui o poema “A Cortiça”, do livro *Insofrimento in Sofrimento*.⁶

Quanto ao poeta das canções, optamos por analisar aqui um dos fados compostos por Ary dos Santos e interpretado por Carlos do Carmo que mais apreciamos: “Um homem na cidade”.⁷

Finalmente, quanto à sua faceta revolucionária propriamente dita, optamos por incluir uma análise do poema que o define como poeta em todos os sentidos: “Poeta castrado, não!”, do livro *Resumo*.⁸

Passemos, então, aos poemas.

6 “3. A Cortiça” in: Santos, José Carlos Ary dos, *Obra poética*, 7. ed. (Lisboa: Ed. Avante!, 1994), pp. 243-244. O original foi publicado em *Insofrimento in Sofrimento* (Lisboa: Sociedade Astória, 1969). Embora no original, e anos mais tarde em *Resumo*, bem como aqui, conste o número 3 no título, o mesmo foi omitido na Antologia que o próprio Ary dos Santos publicou em vida, por isso optamos também por excluí-lo aqui.

7 “Um homem na cidade” in: Santos, José Carlos Ary dos, *As palavras das cantigas*, 6.ed. (Lisboa: Ed. Avante!, 1989), pp. 29-30.

8 “Poeta castrado, não!” in: Santos, José Carlos Ary dos, *Obra poética*, 7. ed. (Lisboa: Ed. Avante!, 1994), pp.291-292. O original foi publicado em *Resumo* (Lisboa: s.n., 1972).

A Cortiça

É preciso dizer-se o que acontece
no meu país de sal
há gente que arrefece que arrefece
de sol a sol
de mal a mal.
É preciso dizer-se o que acontece
no meu país de sal.

Passando o Tejo para além da ponte
que não nos liga a nada
só se vê horizonte
horizonte
e tristeza queimada.

É preciso dizer-se o que se passa
no meu país de treva:
uma fome tão grande que trespassa
o ventre de quem a leva.
É preciso dizer-se o que se passa
no meu país de treva:

mal finda a noite escurece logo o dia
e uma espessa energia
feita de pus no sangue
de lama na barriga
nasce da terra exangue e inimiga.

É o vapor da sede é o calor do medo
a cama do ganhão
a casca do sobredo.

É o suor com pão
que se come em segredo.

É preciso dizer-se o que nos dão
no meu país de boa lavra
aonde um homem morre como um cão
à míngua de palavra:

Por cada tronco desnudado um lado
do nosso orgulho ferido
e por cada sobreiro despojado
um homem esfomeado e mal parido.

Ah, não, filhos da mãe!
Ah, não, filhos da terra!
Os enjeitados também vão à guerra.⁹

Pode-se sentir em várias passagens desse poema a tomada definitiva de posição revolucionária que significou para Ary dos Santos o livro *Insofrimento in Sofrimento*. Mas ao mesmo tempo, sentem-se também as marcas do seu estilo irônico e sarcástico ao descrever o seu país, sobretudo nos poemas anteriores à Revolução de 1974.

Antes de mais nada, é um poema que põe por terra a imagem idílica do interior português pregada pelo regime ditatorial, explicitando mesmo a miséria e a fome que assolam um país cuja imagem seguia sendo a de um país sem inimigos “externos” e com problemas “internos” apenas na África.

É também marcante a forma como Ary dos Santos despreza um dos

⁹ A disposição gráfica do poema segue a edição acima citada na nota 6. Uma das características mais marcantes de Ary dos Santos, do ponto de vista gráfico de seus poemas, consistindo na sua apresentação quase sempre deslinear e com espaços a cumprirem a função de vírgulas.

grandes feitos do regime ditatorial – a ponte sobre o Tejo – afirmando mesmo que ela liga Lisboa a nada, exceto a um horizonte queimado, uma metáfora magnífica do Alentejo sempre em seca.

Ao longo do poema, Portugal passa de “país do sal” (imagem idílica ligada ao mar e aos descobrimentos) a “país de trevas”, ou seja uma realidade marcada pela fome, pela pobreza, pelo silêncio (à minguá de palavra), pela guerra.

É com uma dura crítica a essa mesma guerra, para a qual acabam sendo enviados até mesmo “os enjeitados”, que Ary dos Santos fecha o poema.

Não é de se estranhar que depois da publicação desse livro, o poeta passasse a ter sido sempre alvo da vigia inconstante da PIDE, ainda mais por estar vinculado diretamente ao PCP.

Passemos ao poema seguinte.

Um homem na cidade

Agarro a madrugada
como se fosse uma criança
uma roseira entrelaçada
uma videira de esperança
tal qual o corpo da cidade
que manhã cedo ensaia a dança
de quem por força da vontade
de trabalhar nunca se cansa.

Vou pela rua
desta lua
que no meu Tejo acende o cio
vou por Lisboa maré nua
que desagua no Rossio.

Eu sou um homem na cidade
que manhã cedo acorda e canta
e por amar a liberdade
com a cidade se levanta.

Vou pela estrada
deslumbrada
da lua cheia de Lisboa
até que a lua apaixonada
cresça na vela da canoa.

Sou a gaiivota
que derrota
todo o mau tempo no mar alto
eu sou o homem que transporta
a maré povo em sobressalto.

E quando agarro a madrugada
colho a manhã como uma flor
à beira mágoa desfolhada
um malmequer azul na cor.

O malmequer da liberdade
que bem me quer como ninguém
o malmequer desta cidade
que me quer bem que me quer bem!

Nas minhas mãos a madrugada
abriu a flor de Abril também
a flor sem medo perfumada
com o aroma que o mar tem
flor de Lisboa bem amada

que mal me quis que me quer bem!

Acreditamos ser este um dos poemas mais belos que já se compôs para um fado, mesmo entre os muitos que o próprio Ary dos Santos escreveu.

Antes de nos determos no poema propriamente dito, cabe aqui comentar sobre a ligação entre o poeta e o fado.

Poderia parecer uma incongruência que um poeta tão revolucionário e tão avesso ao regime salazarista como foi Ary dos Santos viesse a compor poemas para o fado, gênero conhecido por esse mesmo regime como a “canção nacional”.

No entanto, Ary dos Santos soube compreender, como muitos outros poetas, que o fado, embora utilizado pelo regime ditatorial como um dos seus símbolos máximos, nada mais era, na verdade, que a manifestação mais pura da alma lisboeta, do seu povo e da própria cidade de Lisboa enquanto *locus* cultural.

Só que enquanto outros poetas tiveram seus poemas adaptados ao fado, ou vieram a escrever para o fado, tendo o fado tradicional e a métrica que o rege como primordiais, Ary dos Santos escreveu para o fado quase sempre sem imaginar a música que iria moldar suas palavras. Dessa forma, fugindo à métrica tradicional do fado – a redondilha maior ou a menor – Ary dos Santos acabou por renovar o fado, trazendo para o gênero, não só novos temas, mas mesmo quando trabalhando com temas já firmados no gênero, fazendo-o de forma diversa, mas, também trazendo através de seus poemas a oportunidade de que se criassem novas músicas para o gênero.

Mas, voltemos ao poema em questão.

Aqui, Ary dos Santos traça de forma magistral o entrosamento entre o ser humano lisboeta (aqui na sua versão masculina), a madrugada e a liberdade, sendo esse um poema que foi composto depois do abril de 1974.

O poeta agarra “a madrugada como se fosse uma criança” e vê o

“corpo da cidade” como se fosse “uma videira de esperança”, esperança essa que leva o “homem da cidade” a trabalhar sem cansaço, ainda que o faça “por força da vontade”, ou seja por não ter outro destino – tema quase que imprescindível para um fado.

O poeta – incorporado em “homem da cidade” – segue pela madrugada de Lisboa terminando por “desaguar no Rossio”, numa das melhores metáforas que já se fez da noite lisboeta, pois quer se venha do Bairro Alto, da Lapa, de Alcântara, de Alfama, ou da Avenida da Liberdade, passa-se pelo Rossio.

Além disso, o “homem da cidade” trabalha desde cedo, mas o faz com alguma alegria, pois agora tem liberdade.

E vão surgindo outros elementos do fado, embora Ary dos Santos os aborde de forma bem diversa da tradicional: “lua cheia de Lisboa”; “vela da canoa”; “gaivota”, e; “maré”. A lua se deslumbra e só então reflete na vela, enquanto que a gaivota derrota o mau tempo, reflexo do povo, que como se fosse a maré a subir, invade a cidade em sobressalto, metáfora incrível da liberdade trazida pela Revolução de 1974.

A partir daí assistimos a um ciclo metafórico através do qual a madrugada se converte em manhã, passando esta a flor, que vai ser “desfolhada” – provável evocação de um dos seus maiores êxitos como letrista – transformando-se em um malmequer azul. Mas não se trata de uma flor qualquer, e sim do “malmequer da liberdade”, da flor de Abril”, da “flor sem medo”. E o ciclo é fechado com a integração da liberdade – novo parâmetro do povo português – ao mar – parâmetro de sempre do povo português, transformando-se Lisboa de cidade que mal quis o poeta (a Lisboa da ditadura) em cidade que o quer bem (a Lisboa da liberdade).

Possivelmente nenhum outro poeta da sua geração, em nenhum outro momento, tenha sabido colocar em palavras tão bem a integração entre um “Portugal que foi” e um “Portugal que vai ser” como Ary dos Santos o fez nesse poema. E o fato de ser um poema que foi composto para um fado consegue concretizar de forma ainda mais eficaz essa

integração.

Passemos, então, ao último poema de nossa análise, poema este que melhor define a personalidade e as preocupações de Ary dos Santos enquanto poeta.

Poeta Castrado, Não!

Serei tudo o que disserem
por inveja ou negação:
cabeçudo dromedário
fogueira de exibição
teorema corolário
poema de mão em mão
lázudo publicitário
malabarista cabrão.
Serei tudo o que disserem:
Poeta castrado não!

Os que entendem como eu
as linhas com que me escrevo
reconhecem o que é meu
em tudo quanto lhes devo:
ternura como já disse
sempre que faço um poema;
saudade que se partisse
me alagaria de pena;
e também alegria
uma coragem serena
em renegar a poesia
quando ela nos envenena.

Os que entendem como eu

a força que tem um verso
reconhecem o que é seu
quando lhes mostro o reverso:

Da fome já não se fala
– é tão vulgar que nos cansa –
mas que dizer de uma bala
num esqueleto de criança?

Do frio não reza a história
– a morte é branda e letal –
mas que dizer da memória
de uma bomba de napalm?

E o resto que pode ser
o poema dia a dia?
– Um bisturi a crescer
nas coxas de uma judia;
um filho que vai nascer
parido por asfixia?!
– Ah não me venham dizer
que é fonética a poesia!

Serei tudo o que disserem
por temor ou negação:
Demagogo mau profeta
falso médico ladrão
prostituta proxeneta
espoleta televisão.
Serei tudo o que disserem:
Poeta castrado não!

Pode-se dizer terem sido poucos os poetas a se auto-definirem tão bem como o fez aqui Ary dos Santos. Esse poema é não só uma declaração do que para o poeta representava ser poeta, mas também quase que uma auto-confissão de como ele era e do que dele poder-se-ia esperar enquanto ser humano.

Na primeira estrofe, Ary dos Santos começa já de forma direta – uma das suas características pessoais mais marcantes – e por vezes mesmo agressiva – a relatar que para ele pouco importa o que os outros deem venham a dizer, desde que isso não afete a sua liberdade de dizer o que pensa. Reconhecendo mesmo alguns dos aspectos que o caracterizavam e que muitos criticavam nele (“cabeçudo”, exibido e outros), e até mesmo reconhecendo-se como publicitário de profissão, Ary dos Santos proclama que tudo isso pode-se dele afirmar, mas não o fato de que por alguma razão tenha visto a sua liberdade de expressão “castrada”.

Continua compactuando com os que o “entendem” e “reconhecem”, aqueles que sabem ver nele tanto o lado terno, o lado sentimental com que expressa saudade e alegria, mas também a necessidade de se renegar tudo isso para se cumprir uma função enquanto poeta revolucário, a de expôr a verdade, por mais dura que seja.

Passa, então, o poeta, a listar o que deveria estar num poema que expusesse a verdade, mas que se encontrava ausente na grande maioria da poesia que se fazia então. E Ary dos Santos faz suas afirmações de uma forma direta, procurando a um só tempo chocar e motivar a procura da verdade em seus leitores, em essência um poeta revolucionário.

Assim sendo, afirma que se esquece da fome, mas será que se pode esquecer “de uma bala num esqueleto de criança”? Procura-se não falar da dureza da morte, mesmo quando há tanto horror em volta – lembremos que este poema foi escrito não só ainda em meio das guerras coloniais na África, mas também da Guerra do Vietnã. O poeta passa das guerras ao seu redor para os horrores do holocausto na Segunda Guerra Mundial, convergindo para uma crítica aos que procuram

apagar da memória o acontecido e acabam por entrar em novos conflitos do mesmo gênero.

Antes de voltar a reiterar-se como um poeta de livre expressão, Ary dos Santos termina sua descrição do que deve relatar um poeta revolucionário, criticando aos poetas puristas com um verso a um só tempo coloquial e acadêmico: “– Ah não me venham dizer que é fonética a poesia!”.

Para concluir sua auto-definição como poeta, Ary dos Santos volta a reconhecer as críticas que fazem a ele, seja enquanto homossexual (“prostituta”, “proxeneta”), quer seja pelo fato da sua popularidade adquirida sobretudo graças às inúmeras participações nos Festivais RTP (“demagogo”, “televisão”). E por fim, novamente reforça sua posição de ser um pouco de tudo o que dizem, mas nunca um poeta longe da verdade que lhe cabe dizer como poeta revolucionário.

IV. Conclusão

Esperamos ter podido aqui mostrar a importância do poeta Ary dos Santos para a poesia moderna portuguesa, quer seja pelo seu lado revolucionário, quer seja pelo quanto contribuiu para a renovação da expressão máxima da cultura popular de seu país, melhor talvez fosse dizer de sua cidade, o fado.

A história não se faz de “se”, nem mesmo a poesia se constrói repentinamente. Sendo assim, não cabe imaginar aqui o que seria a poesia moderna portuguesa se Ary dos Santos não tivesse existido, nem se pode dizer ter sido ele um caso isolado dentro da evolução histórico-literária portuguesa.

O que se pode afirmar, no entanto, sem nenhuma sombra de dúvida, é que Ary dos Santos foi por excelência o poeta da Revolução dos Cravos, o poeta por excelência do PCP, o poeta moderno português que melhor soube definir em sua poesia Lisboa e o seu povo, e, acima de tudo, o letrista que mais contribuiu para a renovação do fado e para a

criação – juntamente com José Afonso, Sérgio Godinho e outros – da nova música portuguesa.

Como teria sido a poesia moderna portuguesa sem Ary dos Santos? Provavelmente nem tão vulgar – como muitos o julgavam – nem tão popular, mas também bem menos revolucionária. No entanto, poder-se-ia mesmo dizer que a música popular portuguesa, quer seja a ligeira ou o fado, teria evoluído bem menos e bem mais lentamente caso Ary dos Santos não a tivesse inundado com os seus versos tão cheios a um só tempo de toda a saudade tipicamente lisboeta e do espírito renovador que pudesse fazê-la mais internacional sem medo de continuar a ser tipicamente e unicamente portuguesa.

Gostaríamos de concluir com outros versos do próprio Ary dos Santos dirigidos ao seu povo:

“É da voz do meu povo uma criança
seminua nas docas de Lisboa
que eu ganho a minha voz
caldo-verde sem esperança
laranja de humildade
amarga lança
até que a voz me doa.”¹⁰

¹⁰ “A voz do meu povo” in: Santos, José Carlos Ary dos, *As palavras das cantigas*, 6.ed. (Lisboa: Ed. Avante!, 1989), pp. 151. Terceira estrofe do poema.